

Entre antídotos e venenos: especialidade médica toxicologia

Na prática, o toxicologista lida com dois grandes blocos de conhecimento. O primeiro são os **toxíndromes** — conjuntos de sinais que apontam para grupos de substâncias (ex.: batimentos lentos + sudorese sugere intoxicação colinérgica). O segundo é o **manejo**: carvão ativado, soros antiofídicos, diálise ou antídotos como a hidroxocobalamina, explicados de forma que qualquer residente entenda por que “puxa” o cianeto e salva o paciente.

E onde estão esses profissionais? Segundo a **Demografia Médica 2025**, só 22 médicos no país têm certificado oficial em Toxicologia Médica, o que representa 0,1 % de todas as áreas de atuação; eles concentram-se principalmente no Sudeste. Ou seja, é um **mercado minúsculo e com altíssima demanda**.

Quer se tornar um deles? O caminho segue três passos principais:

- graduação em Medicina (6 anos);
- residência ou título prévio em clínica médica, pediatria, medicina intensiva ou pneumologia;
- formação em toxicologia: residência específica **ou** atuação comprovada por 2 anos em serviço reconhecido (por exemplo, um CIATox), seguida de prova da AMB; tudo regulamentado no [edital de 2023](#) e na [Resolução CFM 2.380/24](#), que ainda adicionou Medicina do Trabalho como pré-requisito aceito.

Toxicologia médica pode parecer exótica, mas é justamente essa raridade que faz dela uma carreira estratégica: em um país com milhões de atendimentos por intoxicação e poucos especialistas, quem domina venenos se torna antídoto para o sistema de saúde.